

O jovem que tentou entrar na Marinha, fez teatro, foi professor e se tornou escritor de prestígio com um corajoso livro autobiográfico diz que é preciso resistir. Por **Adriana Abujamra**, para o Valor, de Curitiba

Literatura como espelho da vida

Quando Cristovão Tezza acabou seu primeiro romance, enviou-o para o editor Caio Graco Prado, da prestigiada Brasiliense. A resposta veio por carta, demolindo o livro. Devastado, Tezza chorou. Mas bastou uma semana para que começasse outra obra. “O escritor tem que resistir”, diz Tezza. “Caso contrário, não é um escritor de verdade.”

Dezenove livros depois, Tezza segue produzindo. Seu romance autobiográfico “O Filho Eterno” (Record, 2007), que conta sua relação com o filho portador da síndrome de Down, já foi publicado em sete países e amealhou prêmios no país e no exterior. O escritor lançou no fim do ano “Um Erro Emocional” (Record) e vem mais por aí. Termina “Beatriz”, uma compilação de contos, trabalha num ensaio sobre prosa e no romance “O Professor”.

Quando pedi que sugerisse um lugar para este “À Mesa com o Valor”, Tezza respondeu que um autêntico programa de Curitiba seria pedir pizza pelo telefone ou preparar um almoço em sua casa. Mas não seria justo pôr o convidado na cozinha, ponderei. O escritor aceitou meu argumento e a contenda foi solucionada assim: o almoço seria na Pasta Gialla, e o café, no seu apartamento.

O restaurante fica num local agradável, na praça Espanha, um “point” curitibano, segundo me disse. Mas na tarde quente do encontro, o “point” estava um tanto vazio.

Entre no Pasta Gialla e vi Tezza, que acabara de chegar, sentando à mesa. Saudou-me com um gesto contido para ter certeza de que eu era a pessoa que ele aguardava. Vestia jeans e camisa verde-musgo de manga curta. Gravata nunca usou na vida, nem para casar, revelou mais tarde. Resquício de sua ideologia juvenil, segundo a qual um artista não se curva ao sistema, sob hipótese alguma.

O garçom apareceu com a carta de vinhos, mas não fez sucesso. “Vinho me deixa introspectivo demais”, contou Tezza, adepto da cerveja. Temendo que o autor fosse como o casal de personagens de seu último livro — que pensa freneticamente, mas fala quase nada —, sugeri que pedíssemos uma gelada, para garantir a conversa. “Não precisa”, ele me garantiu, “sou uma matraca.”

E, fazendo jus ao dito, encadeou um assunto no outro, atropelou os pontos e as vírgulas quando empolgado ou esqueceu a comida esfriando no prato a fim de concluir uma história.

Tovico, seu apelido na família, nasceu em Lages, Santa Catarina, caçula de quatro ir-

mãos. Viveu no sossego de uma cidade pequena até os sete anos. Mas tudo mudou subitamente. Um dia, o pai sentou-se em sua lambreta nova, símbolo de prosperidade na época, e foi tomar um cafezinho. Na curva trombou com uma Kombi, bateu a cabeça no meio-fio e morreu. “Um acidente ridículo.”

O fato é apenas uma lembrança difusa da infância que o autor transformou no conto “A Primeira Noite de Liberdade”. Nele, Tezza fantasia que entrou na casa e viu o pai morto. “O que não aconteceu na realidade. Eu estava passando férias na casa da minha tia. Ninguém me contou nada, nem fui ao enterro, que só vi sair de longe.”

Dois anos depois, a mãe decidiu mudar-se para Curitiba, onde tocou a educação dos filhos sozinha. “A velha é um assombro”, diz Tezza sobre dona Elin, que hoje tem 90 anos, vive sozinha e não aposentou o cigarro.

Tezza não foi um escritor precoce. Chegando à capital do Paraná, teve que encarar exames para conquistar uma vaga no ginásio. A primeira prova era de redação e eliminatória. Saiu a lista dos aprovados e seu nome não constava. “Levei pau.” Temendo os beliscões de dona Elin, Tovico adiou a volta para casa, vagando pela cidade até o anoitecer.

Certo dia Tezza pegou às escondidas uma



LULA

ARQUIVO PESSOAL



Com a mãe e os irmãos em Lages, em 1955: Tezza é "o caçula de boina"

ARQUIVO PESSOAL



Grupo teatral de Denise Stoklos em 1969: ela e Tezza estão em pé à direita

ARQUIVO PESSOAL



Uma das únicas fotos na pensão de Coimbra onde morou em 1975

ARQUIVO PESSOAL



O diploma de uma das profissões em que o escritor se aventurou

máquina de escrever, herança do pai, que ficava escondida no alto de um armário. Com ajuda de um manual, aprendeu a datilografar nas tardes em que ficava sozinho em casa. Quando conseguiu bater à máquina de olhos vendados, entendeu que era hora de expor seus talentos recém-adquiridos. Convocou toda a família e fez seu show.

O garçom apareceu com nosso aperitivo, uma farta porção de bruschetta quente. Tezza me serviu um pedaço e pegou outro para si. Depois da segunda mordida, abandonou-a no prato para agarrar novamente o fio da meada.

No dia seguinte, dona Elin catou o filho pela mão e o levou para trabalhar num escritório de advocacia, propagandeando que o menino dominava o teclado feito gente grande. E foi assim que aos 13 anos Tovico conseguiu seu primeiro emprego. Uma parte do ordenado — de meio salário mínimo — era entregue à mãe; a outra, torrada com um velho livreiro da cidade.

Tanta leitura aguçou no menino o desejo de se tornar escritor. E, sem pedir permissão à mãe, mandou a datilografia às favas e demitiu-se do escritório. Ah, isso deu nos nervos de dona Elin: "Onde já se viu, o que este guri vai fazer da vida?", diz, imitando a mãe. E completa a imitação: "Não trabalha, fica só lendo. Isso não dá dinheiro, moleque!"

Livro sempre foi um valor na casa dos Tezza. A mãe era professora, e o pai, embora só tenha se alfabetizado aos 17 anos, formou-se em direito. O primeiro título que leu foi "A Chave do Tamanho", de Monteiro Lobato. Perguntei sua opinião a respeito da celeuma em torno do livro "Caçadas de Pedrinho", depois que o Conselho Nacional de Educação sugeriu que o livro fosse recolhido das escolas públicas sob alegação de que era racista.

"Não tem sentido fazer edições expurgadas de um autor, literatura não é material didático", respondeu. "Nela você tem liberdade total, o leitor espera isso, tem que estar à solta. Por outro lado, houve histeria nessa história. Compreendo a angústia de uma professora de uma turma de periferia que de repente lê trechos que diz 'negra beicuda' em termos ofensivos. Tem que se discutir como trabalhar a questão do racismo, mas literatura e material didático são coisas completamente diferentes."

Tezza sabe o que é ser um autor banido. Passou a ser uma espécie de "pornógrafo catarinense". Recentemente, seu livro "Aventuras Provisórias" (Record), comprado pelo governo de Santa Catarina, foi recolhido às pressas. Uma professora, ruborizada com trechos de briga entre namorados, acionou o alarme. "Para adolescentes

que vivem na internet, a cena é de jardim da infância." O governo recolheu os 130 mil exemplares da obra alegando que era inadequada à faixa etária por conter descrição de sexo e palavras de baixo calão. "Fazer o quê?", diz o autor, resignado.

O garçom aproximou-se com o cardápio. Tezza passou os olhos pelas numerosas sugestões e em segundos apontou o espaguetete com cubos de salmão ao molho branco e tomate. Escolhi ravióli com queijo de cabra e molho de tomate. Assim que o garçom se afastou, Tezza retomou a conversa.

"Sempre fui um 'racionalizante'. Fico pensando: de onde vem este meu olhar meio frio?" Seu palpite é que é consequência de suas leituras: "Lobato, um explicador do mundo; Julio Verne, um Iluminista; ou o personagem Sherlock Holmes, um homem que não permite mistérios."

Aos 16 anos Tezza entrou para um grupo de teatro no qual foi sonoplasta, autor, iluminador, enfim, de tudo um pouco. O mentor do projeto, Wilson Rio Apa, era um grande místico, o contraponto do autor. Um belo dia, Rio Apa comentou que para escrever bem era necessário conhecer artes plásticas. O garoto acatou a sugestão do "mestre". Comprou a coleção completa de "Gênios da Pintura" e tornou-se um notável falsificador de quadros. "Você vai ver lá em casa", avisou, rindo.

Tezza levou bastante tempo para encontrar seu caminho como escritor. Na época do teatro, transformava seus colegas em personagens de uma noveleta. Grudava o texto na parede e aquilo fazia tanto sucesso que era disputado a tapa. Enquanto Tezza trabalhava nesses textos por diversão, tentava escrever os "grandes romances" que o deixariam famoso. "Mas minha verdadeira literatura estava na noveleta, era ali que eu desenvolvia um olhar para a realidade, para o dia a dia. Mas na época não percebi."

Com o livro "Trapo" (Record, 1994) o escritor teve o estalo. "Foi quando comecei a centrar-me na realidade, pegar meus grandes temas, que são, basicamente, a relação entre as pessoas, as tensões e a ideia do tempo como valor literário."

Aliás, o interesse pelo tempo, aliado aos seus talentos manuais, levou-o a abrir uma relojoaria. E, como quem tenta segurar o instante, debruçou-se sobre os cucos e seus ponteiros.

A princípio, Tezza preferiu um projeto alternativo à universidade: seria piloto da Marinha Mercante. Por quê? Influência do mestre Rio Apa, que tinha sido marinheiro e passou anos viajando, e do livro "Lord Jim", de Joseph Conrad (em que o personagem-título é marinheiro.) "Eu disse, pá, conheço o mundo, ganho dinheiro e escrevo."

Mas o roteiro dos sonhos esfaleceu-se em poucos meses. Tezza não aguentou o regime militar em plena ditadura nem acordar cedo, muito menos fazer ginástica. E sem nunca pisar num navio abandonou a Marinha. “Este menino tem que se formar em alguma coisa!”, reagiu, desacorçoada, dona Elin.

Nossos pratos chegam em meio ao relato do autor, que mal prestou atenção à comida. “Minha vida foi permanentemente ficar à margem, não fazer parte. Como se eu não tivesse encaixado em coisa alguma, entende?” O escritor convivia com essa sensação de inadequação no mundo.

Logo conheceu Beth, “filha de gerente de banco”. O sujeito “racionalizante” caiu de amores pela moça “burguesinha”, sua mulher até hoje. “Mas eu não era nada.” Por ela decidiu ceder ao sistema. Matriculou-se na Universidade de Coimbra e, assim, conciliou a necessidade de um diploma com o antigo sonho de viajar pelo mundo.

O rapaz embarcou só com a passagem de ida e US\$ 250 no bolso. Assim que pisou em solo luso, estourou a Revolução dos Cravos, que obrigou o fechamento da universidade. “Dá um susto cada vez que eu lembro.” Tezza passava as madrugadas escrevendo seu primeiro livro de contos. Ele não era insone, apenas trocava o dia pela noite para economizar no almoço. De Coimbra partiu para Frankfurt, onde conseguiu trabalho num hospital. Cuidava da faxina, da roupa suja e ainda ajudava no refeitório. Toda essa experiência também faz parte de seu livro “O Filho Eterno”.

Quando, enfim, a Universidade de Coimbra reabriu as portas, Tezza, saudosos de Beth e do Brasil, voltou.

“Fui um marginal dos anos 70 que a duras penas acabou cursando letras.” Tezza demorou para curvar-se à faculdade e mais ainda para sair dela. Depois de formado, foram-se 23 anos dando aulas de língua portuguesa na Universidade Federal do Paraná. Foi o sucesso de vendas de “O Filho Eterno” que lhe deu a coragem para pedir demissão e viver apenas de literatura. “Quando eu parei de fumar, sonhei com cigarro durante seis meses. Agora, quando larguei a universidade, não sonhei nenhuma vez que estava dando aula”, ri e revela: “Olha, foi um grande alívio sair”.

O garçom apareceu para retirar nossos pratos. Metade da refeição de Tezza não havia sido tocada, enquanto da minha não restava quase nada. Pedir sobremesa nem foi cogitado, ficamos apenas no café. “A Beth vai sair e preciso voltar para ficar com o Felipe. Você vem na minha casa, né?”

Tezza nunca imaginou que “O Filho Eterno” faria tal sucesso. Pelo contrário, temeu uma reação negativa. Escrever uma história



biográfica seria se expor muito e correr o risco de que seu livro não fosse tomado como literatura. A princípio seria apenas um ensaio, que empacou. Bastou transformar o real em ficção para o texto deslanchar.

“Perdi o compromisso com os fatos, com o rigor. Embora continue a falar sobre minha vida, ela é articulada como ficção.” É um tipo de narrador que se afasta da primeira pessoa, mas não completamente. Felipe sabe que o livro é sobre ele. Certa vez, ao apresentar-se a um amigo do pai, estendeu a mão e disse: “Oi, sou o filho eterno”.

O garçom entregou a chave do carro para Tezza e avisou que o manobrista já tinha ido embora. No percurso até sua casa, o escritor me serviu de guia, apontando os pontos turísticos da cidade e os lugares importantes de sua vida.

Chegamos a um prédio simpático, de poucos andares. Lá de baixo avistamos Felipe, que acenava da janela, rindo. Ana, sua filha que mora perto dali, apareceu para levar o carro emprestado e logo foi embora. Felipe nos recebeu na sala de TV, a “Tó Vídeos”, numa referência ao apelido do escritor. O filho de Tezza mostrou os quadros de sua autoria espalhados pelas paredes. Há um de um campo de futebol e a bandeira do Atlético Paranaense, seu time de coração.

Na outra sala, ampla, perto da janela, há um bar, o “Barkhtin” — numa homenagem a Mikhail Bakhtin, filósofo russo e objeto de sua tese de doutorado. Logo me deparei com telas dos grandes mestres da pintura. Tudo falsificado pelo escritor, que ria ao meu lado, triunfante de seu talento juvenil. Agora, o homem maduro usa sua destreza manual de outra maneira: constrói estantes de madeira para guardar os livros que estão por toda parte.

No seu escritório, a menor sala da casa, há

uma mesa com o computador. Ao lado dela, um painel com fotos, uma caricatura de Tezza vestindo um avental de chef e um desenho de Beth feito pelo escritor. Ele me mostrou manuscritos de seus textos, que guardou por sugestão do bibliófilo José Mindlin. “Vai que um dia vale alguma coisa...”

Seu processo de escrita vem mudando. O escritor abandonou a caneta e passou a escrever seus livros diretamente no computador. Além disso, agora é capaz de começar um romance sem ter um fim para a história, o que era unimaginável até há bem pouco tempo. “O meu último livro começou com a frase ‘Cometi um erro emocional, me apaixonei por você’. A ideia estalou na minha cabeça. Era uma frase engraçada que foi ficando séria, e isso era algo imprevisível. Estou liberando mais minha intuição. O que só é possível pelos 30 anos de experiência que me deram domínio da linguagem.”

Acompanhei Tezza à cozinha para que ele preparasse um café. “Hum, sei fazer feijoadela” — disse com o pó e a colher na mão —, “mas, quanto vai de pó mesmo?” Enquanto coava o café, falou de seu novo romance, “O Professor”. Embora tenha lecionado durante tanto tempo, Tezza diz que não será um livro pessoal. “Este romance vai ser minha obra-prima”, disse com deboche. “Não esqueça de escrever ‘risos’ depois, senão vai parecer que sou muito petulante.”

Levamos o café para a sala e continuamos a conversa ali. Um trovão anunciou tempestade. Felipe apareceu para fechar todas as janelas e portas da casa: “Ele morre de medo de chuva”. Não é só Felipe. Fomos surpreendidos por outro estrondo que soou junto com as badaladas do relógio da sala. Só aí me dei conta de que se avizinhava a hora do meu voo. Chamei um táxi. Tezza desceu comigo e me acompanhou de guarda-chuva até o carro. Despediu-se, aguardou o táxi partir e voltou para casa sob o pé d’água. ■

Entre a prosa e a poesia		
Bruschetta pizzaiola	1	16,50
Spaghetti com salmão	1	27,50
Ravióli de queijo de cabra	1	33,50
Refrigerante	1	3,80
Água	2	6,00
Café	2	6,40
Subtotal		93,70
Serviço		9,37
		Total: R\$ 103,07

La Pasta Gialla
Curitiba